



ACHEI QUE A HORA ERA ESSA: O SUICÍDIO NAS CARTAS DE ADEUS

Frederico Osanam Amorim Lima*
Universidade Federal do Piauí – UFPI
frederico.osanan@hotmail.com

RESUMO: Qual o lugar do suicídio na História? A pergunta, sugestiva, entre outras coisas, de um problema de matriz epistemológica, é o mote a partir do qual se procura pensar as possibilidades de se historicizar um tema, aparentemente, não histórico. Este artigo tem a pretensão de apresentar o suicídio a partir de suas *representações*, presentes, especialmente, nas “cartas de adeus” deixadas pelos suicidas. Tomando como aporte teórico pensadores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Michel Certeau e Zygmunt Bauman, procuro estudar o suicídio numa dimensão temporal com vistas à possibilidade de entender como ele se configura na nossa atual condição histórica; bem como analisar, nas “cartas de adeus”, as representações e práticas atinentes ao universo suicida, percebendo como eles revelam aspectos culturais da pós-modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: História – Suicídio – Cartas – Pós-modernidade – Subjetividades.

I THOUGHT THAT TIME WAS THAT: SUICIDE IN GOODBYE LETTERS

ABSTRACT: What is the place of suicide in History? The suggestive question, among other things, concerning the epistemological source, is the center from which the possibilities of historicizing a theme, apparently, not a historical one, are thought. This article intends to present suicide focusing its *representations*, present, mainly, in the “goodbye letters” left by the people who committed suicides. Taking Michel Foucault, Gilles Deleuze, Michel Certeau and Zygmunt Bauman as theoretical references, it intends to study suicide in a temporal dimension in order to understand the way it is configured in our current historical condition and also to analyze these “goodbye letters”, the representations and relevant practices in this suicidal universe, understanding the way they reveal the cultural aspects of post-modernity.

KEYWORDS: History – Suicide – Letters – Post-modernity – Subjectivities.

* Professor Adjunto II da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Eu não tenho mais a paixão, e por isso
lembre-se,
é melhor queimar de vez do que se apagar
aos poucos.
Kurt Cobain, 1994.

Os signos envolvendo a morte são muitos e remetem a um conjunto muito variado de relações entre quem morreu e os entes que ficaram ou, mesmo, entre o moribundo e quem velará o morto. A morte, propriamente, enceta e encena uma profusão de códigos que, ao mesmo tempo, tentam apagar o sentido da finitude e justificar o que é, por si só, compreensível. Suicídio, morte natural, morte induzida, eutanásia, homicídio, luto, enterro, velório, missa, extrema-unção, são todos signos de um universo visto por muitos como sombrio que, parte considerável de nós, procura não discutir como forma de negar sua existência.

Só muito recentemente, em países como o Brasil, houve um despertar no campo das Ciências Humanas e Sociais para o tema da morte e, de forma mais específica, o suicídio. No âmbito da História, por exemplo, um dos primeiros pesquisadores a historicizar o suicídio e romper o silêncio que envolve o tema, no Brasil, foi Fábio Henrique Lopes. Sua tese, transformada em livro com o título “Suicídio e saber médico”,¹ procura compreender, em linhas gerais, como os discursos médicos propagados no Brasil do século XIX, funcionaram como importantes instrumentos de controle e intervenção micropolítica dos/nos atos suicidas.

Fábio Henrique, ao problematizar o lugar de produção do saber sobre o suicídio e pluralizar os sentidos atribuídos ao suicida, revela, entre outras coisas, a dimensão e potencialidade histórica que o tema possui. Além disso, rompe com uma dada lógica explicativa responsável por colar a imagem do suicídio ao de doente mental. Com isto, ele liberta o “sujeito que se suicida de ser considerado e feito doente, desequilibrado, irracional e desesperado”.²

Há outro ponto, entretanto, que merece destaque e serve de propósito para a elaboração deste artigo. Fábio, ao olhar em perspectiva para os discursos e práticas sobre o suicídio, revela as mudanças pelas quais o tema passou e como ele foi problematizado

¹ LOPES, Fábio Henrique. **Suicídio e saber médico**: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Ateliê 2007.

² Ibid., p. 28.

ao longo do século XIX e XX. Conclui, com isto, que, atualmente, “os principais responsáveis pela produção de sentidos e verdades sobre e para o suicídio fazem parte da mesma área do saber, que desde o século XIX é dominante no que diz respeito à criação de sentidos, imagens e referências ao suicídio e ao sujeito que o pratica”.³ Entretanto, reconhece que o saber médico, de onde predominam os estudos dedicados ao suicídio, não converge, necessariamente, para as mesmas coisas, especialmente por não seguirem a “mesma ordem do discurso, tampouco [perpetuarem] as mesmas relações de poder e as mesmas táticas e estratégias de domínio e intervenção. Como fica claro, assim como os acontecimentos, os discursos e o saber também são históricos”.⁴

A título de exemplo, embora ambientados no campo das ciências da saúde, é possível verificar a variedade de abordagens que o tema suicídio suscita hoje. Do ponto de vista clínico e de intervenção psicológica, resalto o trabalho de Júlia Camarotti Rodrigues, “A entrevista clínica no contexto do risco de suicídio”⁵ que, de forma simplificada, analisa, através de entrevistas, os riscos do suicídio com vistas à criação de estratégias e processos de intervenção clínica. Numa abordagem diferente, há o trabalho de Betina Mariante Cardoso, que procura as associações entre o consumo de álcool e as tentativas de suicídio. Sua dissertação, “Associação entre o consumo de álcool e tentativas de suicídio no transtorno de humor bipolar”⁶ adiciona, ainda, a variável “humor bipolar” como fator de risco do suicídio e, com isso, revela o quanto plurais podem ser as leituras sobre o suicídio.

Se há, atualmente, como Fábio sugere e os exemplos acima revelam, uma multiplicidade de olhares sobre o suicídio, penso que seja possível problematizar o suicídio a partir de uma relação entre a nossa condição histórica e a sua subjetivação presente nas cartas de adeus.⁷ Penso, ainda, que a partir dos anos 1960/1970, com a

³ LOPES, Fábio Henrique. **Suicídio e saber médico: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Ateliê, 2007, p. 31.

⁴ Ibid., p. 31.

⁵ RODRIGUES, Júlia Camarotti. **A entrevista clínica no contexto do risco de suicídio**. 2009. 176f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

⁶ CARDOSO, Betina Mariante. **Associação entre o consumo de álcool e tentativas de suicídio no transtorno de humor bipolar**. 2008. 109f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Programa de Pós Graduação em Ciências Médicas: psiquiatria, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

⁷ Chamo de “cartas de adeus” documentos deixados pelos suicidas e que são reveladores de suas visões de mundo. São cartas, bilhetes, anotações, diários, etc. Para este trabalho, foram privilegiados apenas

emergência daquilo que alguns chamam de pós-modernidade e outros de modernidade líquida,⁸ os discursos sobre a condição humana, tais como comportamentos, valores, consumos, e, por outro lado, os discursos sobre a morte, produziram algumas transformações em como o suicida subjetiva suas experiências no mundo e como ele *representa* o seu ato.⁹ Para isso, recorro à produção escrita deixada pelos suicidas. Uma produção que inclui cartas, bilhetes, anotações e que são, acredito, reveladores de uma ruptura numa teia de sensibilidades suicidas; que são tentativas de desprendimento das limitações do pensamento e das regras e convenções de seu tempo; mas, também, que são reveladores dos problemas particulares do nosso tempo, por fim, de nossa condição histórica.

Faço a ressalva, para prosseguir, que o suicídio tratado aqui tem haver, também, com o processo de formação histórica e cultural do ocidente. Não levo em conta, para a construção de uma subjetivação do ato, dos modos e valores do suicídio no Oriente, como, por exemplo, o *haraquiri* (*seppuku*), no Japão.¹⁰

TEMPO LÍQUIDO, INVENTIVO E DE IMPRECISA SIGNIFICAÇÃO DA VIDA E DA MORTE

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês muito conhecido pela difusão da ideia de que vivemos numa época liquefeita, fluida e onde as relações humanas já não se fazem

documentos escritos. Como se sabe, há um número considerável de mensagens de adeus sendo veiculadas na internet, em redes sociais ou em mensagens de texto e, mesmo, de áudio e vídeo. Para este trabalho, entretanto, essas fontes não foram utilizadas.

⁸ Embora conceitualmente diferentes, o que busco, aqui, é revelar que, independente das visões ideológicas ou epistemológicas, as transformações ocorridas em parte considerável do ocidente dos anos 1960 para cá, revelam a emergência de uma condição histórica nova; nesta fase, tanto no campo de produção da história, quanto no âmbito do cotidiano, as mudanças acabaram por afetar profundamente as relações humanas, a tal ponto de se abrir novas possibilidades de leitura do suicídio; ao mesmo tempo em que a ação suicida pode ser fruto das fragilidades dos laços humanos, como Bauman caracteriza as relações afetivas na modernidade líquida (JENKINS, Jenkins. **A História repensada**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007; BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: J Zahar, 2004).

⁹ O conceito de “representação” utilizado aqui é remissivo ao desenvolvido pelo historiador francês Roger Chartier que, em linhas gerais, defini “representação” como as formas como as pessoas vêem, constroem e definem o mundo. Ver: CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

¹⁰ Sobre o *seppuku* e o suicídio em outras culturas ver: DIAS, Maria Luiza. Sobre o suicídio em outras culturas – o suicídio em sociedades do Oriente e em sociedade “primitivas” em contraponto com sociedades do Ocidente. In: DIAS, Maria Luiza. **Suicídio: Testemunhos de Adeus**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

mais por laços sólidos, aponta, em muitos de seus livros, as profundas mudanças que o advento da “modernidade líquida” operaram na condição humana. Nela, temas confusos e problemáticos como liberdade, individualidade, amor, identidade, embate entre indivíduo e cidadão, trabalho e comunidade, não só foram ganhando outros contornos semânticos, como afetaram substancialmente aspectos da vida das pessoas. Neste mundo fluido anunciado por Bauman, a relação indivíduo e sociedade é o primeiro sólido a se derreter. A tão propalada liberdade, ansiada na literatura e problematizada na crítica social de pensadores como George Orwell, Aldous Huxley e Herbert Marcuse, pensou um mundo novo marcado pelo controle, pela sistemática repartição do tempo e o esquadramento das relações pessoais com o objetivo de servir ao máximo controle das repartições. Ao contrário das projeções utópicas dos textos destes autores e de muitos filmes (*Alphaville*, de Jean Luc Godard, é um bom exemplo disso), o mundo acabou se constituindo num espaço onde impera a individuação. Onde “tudo, por assim dizer, corre agora por conta do indivíduo. Cabe ao indivíduo descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir – isto é, com a máxima satisfação concebível”.¹¹ Neste mundo líquido, onde as oportunidades são vendidas como infinitas e as possibilidades de ganhos intermináveis, projetar uma vida presa a algo fixo e estável, pode representar uma infelicidade constante.

O mundo cheio de possibilidades é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar de todos. Os comensais são *consumidores*, e a mais custosa e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolhas¹².

Num mundo de fartas escolhas, as possibilidades de erros e acertos também se multiplicam. As chances de erro e acerto, entretanto, quando se tratam de relações humanas, não são dados objetivos e racionalmente explicáveis. Nestas relações, se não há movimentos afetivos errados, ou ações de consumo do corpo, do tempo e dos prazeres menos corretos, também não há “nada que permita reconhecer o movimento certo entre as várias alternativas – nem antes nem depois de fazer o movimento”.¹³

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J Zahar, 2001, p. 74.

¹² Ibid.

¹³ Ibid., p. 75.

Num momento onde proliferam os discursos e as imagens com promessas de felicidade; numa época em que se começou, verdadeiramente, a comercializar o “direito universal à busca da felicidade”,¹⁴ apostar numa escolha certa passou a ser quase uma obrigação.

Por outro lado, a alegria exposta com tom azul cintilante nas “propagandas de felicidade”, enceta a tristeza do consumidor na medida em que produz um mundo inacessível, inatingível e, em muitos casos, de existência apenas virtual. Como diz o filósofo Albert Camus, “quando o chamado da felicidade torna-se presente demais, então a tristeza se ergue no coração do homem”.¹⁵ Ser triste, insatisfeito e incompleto é quase uma obrigação para se atingir a felicidade. A profusão de livros de autoajuda é um bom exemplo disso. As igrejas, inclusive, têm produzindo enunciados não para atingir o coração dos felizes; procuram os aflitos, ainda que parte delas produzam uma sensação de aflição coletiva.

Num panfleto religioso que circulou em Parnaíba (PI), por ocasião da Semana da Bíblia de 2013, uma das mensagens dizia que “o ser humano não tem apenas sede física. A sede mais terrível é a sede por uma vida de paz e alegria. Saiba como acabar com essa sede e ainda ter paz, alegria e principalmente a vida eterna”. Além das promessas e convicções de que é possível, crendo em algo, atingir um ideal de felicidade, a mensagem enuncia algo que é premente de nossa condição histórica: a necessidade de produzir e vender a tristeza.

Portanto, numa sociedade, como a nossa, que enuncia e vende conceitos e comportamentos ambivalentes; que vende a necessidade de ser feliz, mas precisa da tristeza para produzir novelas, para vender romances, para sensacionalizar a vida nos palcos, para comercializar remédios, entupir consultórios psicanalíticos, fabricar psicotrópicos, mobilizar multidões dentro de igrejas e em procissões; nesta sociedade, o suicídio pode ser, em muitos dos casos, fruto do potencial destrutivo do comércio de imagens e produções de sentido sobre a tristeza. De um comércio que cria a sensação de incompletude permanente, mas, de que é possível conseguir. De uma condição histórica que concebe a felicidade como um “estado”, mas que “só pode ser um estado de excitação

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: J Zahar, 2009, p. 9

¹⁵ CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 2 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012, p. 123.

estimulado pela incompletude”.¹⁶ O suicida, muitas das vezes, enuncia em bilhetes e longas cartas essa sensação de busca por uma felicidade que nunca se concretiza. Nos seus escritos pessoais e intimistas, demonstram a tristeza por não ter conseguido atingir certo modelo de felicidade. “Desculpa não consegui”,¹⁷ é uma constante nos bilhetes e cartas.

Frequentemente é possível *ver* os comerciais à procura de pessoas infelizes. Pessoas não satisfeitas com seus carros, com seu corpo, com suas casas, com seu conhecimento, sua segurança e seu conforto. Curiosamente, também os partidos políticos operam na frequência de produção da tristeza para produzir o descrente, o *a-político*, o cético. As tecnologias atuam gerando lampejos de tristeza que, como fluxos, atravessam milhares de pessoas ao redor do mundo e nos fazem pertencer a uma mesma teia de sensibilidade tristes. Nesta teia, a separação, a traição, o desprezo, a compaixão, o luto e o suicídio são compartilhados. Produz-se uma dor que, conectivamente, permite criar uma sensação de pesar coletiva. Produz-se um *avatar* de tristeza em mensagens vazias de efeito; em mensagens que servem, em muitos casos, para legitimar a ideia da necessidade de uma tristeza coletiva. Operar na tristeza e a favor dela é, em muitos casos, potencializar um ato destrutivo consigo mesmo. O suicídio noticiado nas redes sociais tem sido, em muitos casos, o indício mais claro do escancaramento da necessidade de ser notado; ironicamente, ser notado num universo onde só as imagens fetichizam a perfeição.

“Sei que quando você ler este bilhete achará loucura o que está acontecendo, mas tudo é a síntese de uma árdua e solitária era para o ser humano”, escreveu uma mulher de 28 anos, que cometeu o suicídio com um tiro no ouvido. Numa carta que expressa, com bastante clareza, o auto-sacrifício como companheiro fiel da felicidade, ela, com um comportamento que julga heróico, se mata por um ideal de felicidade não alcançado. Um ideal, entretanto, que inclui um manual de sensações fabricadas, idealizadas e que devem servir de padrão para validar o comportamento dos outros.

Tentei transmitir amor, paz, compreensão, amizade, para um mundo que já se esqueceu de tudo isso. Sei que todos acharão covardia minha ter procurado a morte, porém, não acho que desapareci e sim que tento passar para um outro plano, talvez um lugar em que eu me encontre e não me sinta tão deslocada [...] Logo todos se esquecerão de mim, portanto, não quero velórios, flores, choro, mas sim uma cremação pura

¹⁶ BAUMAN, 2009, op. cit., p. 43.

¹⁷ Sexo feminino, 26 anos, arma de fogo, 1 bilhete. Disponível em: DIAS: Maria Luiza. **Suicídio:** testemunhos de Adeus. São Paulo: Brasiliense, 1997, p. 191.

e simples e que minhas cinzas sejam jogadas em alto mar, pois não quero deixar marcas em um mundo que nunca me notou¹⁸.

Nesta carta, além da enunciação de pertencimento a um lugar privilegiado de observação das coisas do mundo e, por outro lado, da insignificância do seu papel para os outros, a autora enuncia um fim que marcaria um novo começo. Possivelmente um começo que passasse pela imagem de que *lá*, no “outro plano”, seu acalento existencial, seu desejo de ser notada, se efetivasse.

Ora, e em que lapso sensorial opera o suicida? Se, por um lado, as oportunidades são inúmeras, mas os riscos fatalmente existirão; e, por outro, as tarefas e obrigações diárias camuflam e mascaram os fardos que a condição humana pós-moderna tem que carregar e produzir, o suicida é, antes de tudo, o anti-discurso deste sistema ambivalente. “Não é culpa de ninguém, mas do sistema. O sistema mata!”, escreveu uma jovem estudante da PUC-SP, que cometeu o suicídio nas dependências da universidade, em 1986, deixando cinco cartas e um bilhete. Nesta carta, em que culpa particularmente o “sistema” e se volta contra ele, há uma profusão de imagens ambivalentes, características de um simulacro emocional contraditório. Demonstra sofrimento, especula-se póstuma, ressalta problemas com a família, mas, torna-se diferente na culpa imputada há algo que pertence ao nosso tempo; a algo que é fruto das mazelas que gravitam em torno de uma ideia de felicidade construída artificialmente e dificilmente consumida.

Não posso mais continuar! Chega! É o fim da trilha! Acreditem, por favor. Tenho sofrido mais que o suportável. Tudo deu errado em minha vida. Talvez eu tivesse nascido em hora errada, tempo errado. Merda! O que quer que eu faça é errado! Será que é porque eu admiro Hitler, sou anarquista, esquerdista e adepta do comunismo? Será que é porque minha mãe nunca se casou? Porque o meu pai era um panaca perfeito? Que ódio passei a ter de tudo isto! Da vida! Uma grande e gigantesca droga! Meu Deus ou devo chamar pelo Diabo? Quem me ajudaria? Uma criatura como eu, jovem, fria, inteligente, mas que em nada deu certo. Coloquem todas as cartas no correio lacradas como estão, isto aliviará algumas pessoas da culpa. Não é culpa de ninguém, mas do sistema. O sistema mata! Não tentem me salvar, pois outras oportunidades surgirão.¹⁹

¹⁸ Sexo feminino, 28 anos, tiro no ouvido. Disponível em: SILVA, Marcimedes Martins da. **Suicídio**: Trama da comunicação. São Paulo: Scortecci, 2008, p. 55.

¹⁹ Sexo feminino, 20 anos, suicídio com arma de fogo. Suicidou-se nas dependências da PUC-SP. Carta disponível em: DIAS, Maria Luiza. **Suicídio**: Testemunhos de Adeus. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 204.

O suicida, nestes termos, é o perito das *táticas desviantes*. Ele, mais do que ninguém, assume o controle de seu próprio corpo e de sua condição no mundo. Mostra-se capaz de dizer: “eu, sim, mando em mim”. Afronta o poder religioso que opera em nós um grande temor sobre a morte; afronta as técnicas de defesa da vida, tapeia o discurso médico, psiquiátrico; escreve uma carta, um bilhete, um enigma que exaspera a família. Inventava, controlando cada gesto, como será o seu fim. Este suicida é aquele que, sabendo que um dia a morte chegará, resolve escolher quando! É o *sujeito ordinário* que inventa a sua própria morte; que cria uma anti-linguagem; que materializa em um gesto o delirante controle do corpo. Não é signo capturado! Dificilmente seu gesto será decifrado. Seu gesto produz uma senha inebriante. Como esta à beira da morte, esquiva-se das regras e convenções sociais para denunciar, abertamente, sua opinião sobre o mundo em que vive, sobre sua família e o sistema.

Na carta da jovem da PUC, esse “olhar de fora da vida”, construindo no limbo entre o final da vida e a morte, exaspera tudo aquilo que é considerado dano individual e coletivo. Sem pudores, este olhar de fora da clausura, acaba por produzir a imagem de outra vida possível de se ter vivida. Mas, também, acaba por denunciar a clausura sensitiva que sutura seu gesto ao nosso tempo. Ela prossegue:

A vida nunca me significou nada absolutamente nada. Aos poucos eu ia odiando tudo e todos: judeus, meu pai, minha irmã, mãe, cães, vizinhos, a escola, a sociedade, o sistema. A família mata, a escola mata, o sistema mata [...]. DESESPERO é a doença que me levou à morte [...]. Não é desespero de não ter conseguido algo, de ter perdido alguma coisa. Mas por ter de suportar tudo isto. Todos contra os meus valores, meus conceitos, eu nunca fui comum. Era olhada com olhos de espanto, como se eu fosse portadora de alguma doença pestilenta. E eu odiava!²⁰

Nesse lapso sensorial em que opera o suicida, ele não se permite ser capturado pelo discurso da ordem e da limpeza. Ele polui o rio, suja de sangue o quarto, mata-se nas dependências de uma universidade profanando a morte num espaço de debate sobre a vida, enfeia a sala, atrapalha o trânsito, acaba com os remédios de casa, mobiliza, em torno de si, uma atenção pelo incompreensível. Àquilo que não podem explicar, confiam a uma linguagem de piedade que reverbera nas instituições e nos olhares sobre o suicida.

²⁰ Sexo feminino, 20 anos, suicídio com arma de fogo. Suicidou-se nas dependências da PUC-SP. Carta disponível em: DIAS, Maria Luiza. **Suicídio: Testemunhos de Adeus**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 208-209.

O suicida, como um produtor de um *corpo sem órgãos*, tenta impedir o controle do movimento dos órgãos para profanar uma nova moral²¹; ele abafa o funcionamento dos órgãos, mutila-se para viver. A vida vive, portanto, no ato suicida. Se há uma escrita textual do suicida há, também, um texto inscrito no corpo de quem se mata.

Para o suicida, não existe nada tão “meu” como a morte. Egoísta, ele sabe que provocará choro; em muitos casos, dirige a culpa a alguém; põe em silêncio a família; deixa estarecida a vizinhança, mas, deixa certo a todos que o verão: “a escolha é minha!”. “Não é sensato que continue vivendo, quando já não existe nenhuma esperança [...]”,²² escreveu um senhor de 68 anos, antes de se matar com um tiro. “Não vou sarar nunca. Deixem-me morrer em paz. Desculpem-me. Beijos”, foi o bilhete deixado por uma mulher de 58 anos.²³ Em ambos, subjaz a sensação de que se há liberdade nas escolhas da vida, se há uma força discursiva que premia os que são felizes, há, por outro lado, possibilidades concretas de se sentir deslocado deste mundo; de se reconhecer inútil, invisível e deslocado temporal e sentimentalmente. Neste terreno escorregadio produzido pela nossa condição histórica, alguns suicidas significam sua morte como fruto da inaptidão de viver desterritorializado.

AS CARTAS DE ADEUS: TÁTICAS SUICÍDAS, ESCAPISTAS OU INVENTIVAS DA MORTE?

Quinta feira, 02 hrs da madrugada do dia 03 dezembro de 2009. A atriz Leila Lopes foi encontrada morta no quarto de seu apartamento no Morumbi, em São Paulo. A atriz, que atuou em novelas de grande repercussão nacional como **Pantanal**, em 1990, e **Renacer**, em 1993, não interpretava um grande papel desde 1996, quando fez o papel de Suzane, em **O Rei do Gado**. Este fato, aliás, acaba sendo, sub-repticiamente, o apresentado por alguns veículos de comunicação e amigos como o principal responsável por seu suicídio.²⁴

²¹ Para a noção de “corpo sem órgão” ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de Novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**, vol 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

²² Sexo masculino, 68 anos, suicídio com arma de fogo. Disponível em: DIAS, Maria Luiza. **Suicídio: Testemunhos de Adeus**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 215.

²³ Sexo feminino, 58 anos, suicídio com arma de fogo. Disponível em: *Ibid.*, p. 193.

²⁴ Na sua edição *online*, a revista Veja faz duas menções ao caso: “O assessor de imprensa de Leila Lopes, Cacau Oliver, informou que ela se sentia ‘ótima’ de saúde, mas andava um pouco triste. ‘Falei ontem com a Leila. Estava muito decepcionada com relação ao trabalho. Estava apresentando um programa e

Leila tinha então 50 anos de idade quando decidiu se matar. Apesar dos motivos que levaram ao seu suicídio, deixou uma carta reveladora de conceitos e definições de um mundo ambivalente, líquido e fluido:

Eu não me suicidei, eu parti para junto de Deus. Fiquem cientes que não bebo e não uso drogas, eu decidi que já fiz tudo que podia fazer nessa vida. Tive uma vida linda, conheci o mundo, vivi em cidades maravilhosas, tive uma família digna e conceituada em Esteio, brilhei na minha carreira, ganhei muito dinheiro e ajudei muita gente com ele. Realmente não soube administrá-lo e fui ludibriada por pessoas de má fé várias vezes, mas sempre renasci como uma fênix que sou e sempre fiquei bem de novo. Aliás, eu nunca me importei com o ter. Bom, tem muito mais sobre a minha vida, isso é só para verem como não sou covarde não, fui uma guerreira, mas cansei. É preciso coragem para deixar esta vida. Saibam todos que tiverem conhecimento desse documento que não estou desistindo da vida, estou em busca de Deus. Não é por falta de dinheiro, pois com o que tenho posso morar aqui, em Floripa ou no Sul. Mas acontece que eu não quero mais morar em lugar nenhum. Eu não quero envelhecer e sofrer. Eu vi minha mãe sofrer até a morte e não quero isso para mim. Eu quero paz! Estou cansada, cansada de cabeça! Não aguento mais pensar, pagar contas, resolver problemas... Vocês dirão: Todos vivem!!! Mas eu decidi que posso parar com isso, ser feliz, porque sei que Deus me perdoará e me aceitará como uma filha bondosa e generosa que sempre fui.²⁵

Se, por um lado, a atriz, imersa numa teia de sensibilidades modernas, anuncia seu suicídio como pleno de razão – “fiquem cientes que não bebo e não uso drogas” –, por outro, expõe a sensação de não pertencimento a lugar algum – “mas acontece que eu não quero mais morar em lugar nenhuma”. Esta sensação, por sinal, é potencialmente rica de significados para um momento histórico em que os *não lugares* operam transformações significativas na relação do homem com os espaços. A sensação de não pertencer a lugar algum, pode significar a impossibilidade de construção de um

tinha muitos problemas, cancelamentos constantes nas gravações”, disse. Cf.: POLÍCIA INVESTIGA a morte de Leila Lopes, que pode ter cometido suicídio. **Veja**, São Paulo, 03 dez. 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/atriz-leila-lobos-encontrada-morta-dentro-casa> Último acesso em 18/05/2014. “Ela participou ainda de **Tropicaliente** (1994) e **O Rei do Gado** (1996), antes de cair no ostracismo. No ano passado, voltou à cena causando espanto: como protagonista de um filme pornô. Na semana passada, foi encontrada morta em seu apartamento. Suspeita-se de suicídio. Ao lado do corpo, havia antidepressivos, cartas de despedida e veneno”. Cf. **Veja**, São Paulo, p. 64, 05 dez. 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/091209/datas.shtml>. Último acesso em 18/05/2014.

²⁵ DIVULGADA a carta deixada por Leila Lopes, **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 dez. 2009. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/divulgada-carta-deixada-por-leila-lobos-3185750>

sentimento de identidade, de envolvimento, de algo relacional e histórico²⁶. No limite, este sentimento pode gerar uma sensação de vazio e desconforto emocional.

Paralelamente, há um sentido de completude da vida não articulado ao ideal de transformação constante ensejado “em nosso mundo moderno e líquido”. Um mundo onde a “arte da vida [está em] viver num estado de transformação permanente, auto-redefinir-se perpetuamente tornando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma pessoa diferente daquela que se tem sido até então”.²⁷

A consciência do trabalho rotineiro é o que torna absurdo o sentido da vida, como diz Albert Camus. Ao reconhecer a rotina e o compasso cadente da vida como algo desprovido de esperança, Leila aceita o absurdo e o desejo de se livrar do seu fardo. “O que seria de sua pena se a esperança de triunfar [a] sustentasse a cada passo?”²⁸ pergunta Albert Camus. Por algum momento ela sustentou. Mas, a linha tênue que garantia a vivacidade do momento como único se partiu e, com isto, revelou o descompasso entre os instantes da vida e a capacidade de utilizá-los como produtores de novos sentidos para o mundo. Subjetivar o papel de Sísifo – carregar pedras inutilmente e sem esperança – é, para Leila, não suportar as intempéries da vida diária: “estou cansada, cansada de cabeça! Não aguento mais pensar, pagar contas, resolver problemas...”. Ao não suportar o peso e densidade da rotina, Leila assume a incapacidade de “se tornar outra pessoa” num mundo que exige a mudança constantemente.

A volatilidade, vulnerabilidade e fragilidade de toda e qualquer identidade coloca sobre os ombros daquele que busca uma identidade o dever de desincubir-se diariamente das tarefas de *identificação*. O que pode ter começado como um empreendimento consciente pode se transformar, no curso do tempo, numa rotina cumprida de maneira irrefletida, pela qual a afirmação, interminável e ubiquamente repetida, de que “você *pode* se transformar numa pessoa diferente” é reformulada como “você *deve* se transformar numa pessoa diferente”. “Você *deve*” não combina com a prometida e esperada liberdade, e é por causa de seu sincero desejo de liberdade que muitas pessoas se rebelam contra isso.²⁹

E, no caso de Leila, ela se rebela subjetivando a liberdade como o controle da própria vida. Se rebela por acreditar ter uma vida pretensamente feliz e não suportar o

²⁶ AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 4 ed. Campinas: Papyrus, 2004.

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: J Zahar, 2009, p. 99.

²⁸ CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 2 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012, p. 123.

²⁹ BAUMAN, 2009, op. cit., p. 105.

peso dessa felicidade (“tive uma vida linda, conheci o mundo, vivi em cidades maravilhosas, tive uma família digna e conceituada em Esteio, brilhei na minha carreira, ganhei muito dinheiro e ajudei muita gente com ele”). Diante disso, procurar outro ideal de felicidade com o suicídio, pode representar a construção de uma ideia de felicidade sustentada na liberdade de controlar a própria decisão de viver ou morrer.

O desejo de encontrar o que lhe causa falta, expresso na necessidade de afirmar-se feliz com o que teve, mas que anseia a “paz”, pode ser o cálculo suicida de sua imagem pós-morte. É provável que, numa tentativa de driblar as tentativas de racionalizar o seu ato, na imprensa e entre amigos e familiares, Leila esteja preocupada com a imagem que ela quer deixar para a sociedade. Uma imagem que, por sua vez, permite a produção de um conceito de suicídio ético e estético. Uma ética que, por princípio, promulga o suicídio como escolha e como pleno de gozo carnal. Que projeta no seu ato a abertura para a produção de uma imagem catalizadora de expressões de serenidade e convicção na sua escolha.

Leila, com seu ato, mesmo envolta numa teia de senhas inebriantes – assim como todo suicida – é, também, um corpo habitado pela história. Um corpo marcado e assinalado pela história. Afinal de contas, o corpo é, como diz Foucault, a “superfície de inscrição dos acontecimentos”.³⁰

O suicídio, como senha inebriante, tem haver com a incapacidade de se dizer e escrever sobre as causas e razões do ato em si. Primeiro porque essa fala é exterior ao protagonista. Ela é uma forma de racionalizar algo que é profundamente intimista e subjetivo a quem comete o ato. Segundo porque esse olhar exterior ignora o fato de que toda experiência de vida é necessariamente individual e construída subjetivamente. Por fim, porque para o próprio suicida, as razões podem ser extremamente complicadas de serem externadas. Há, como diz Fábio Henrique, “a possibilidade de ele ter produzido para si uma subjetividade completamente diferente daquelas conhecidas e ligadas a ele”.³¹ Daí porque responder a pergunta “porque alguém se suicidou?”, exige um grau de alteridade e reconhecimento das experiências individuais que nenhum conhecimento científico consegue captar na totalidade. Ao abrir mão dessa pergunta e tentar responder

³⁰ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 20 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004, p. 22.

³¹ LOPES, Fábio Henrique. **Suicídio e saber médico: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Ateliê, 2007, p. 21.

o que nossa época oferece de problemas e questões para o indivíduo resolver, o que se deseja não é tomar um personagem que se suicida como coadjuvante de situações exteriores a ele, mas, dizer que ao sentir as mudanças operadas em nosso tempo, o ato suicida encontra outras razões de *ser* e de ser compreendido; especialmente se for tomado como referência, por exemplo, o suicídio no século XIX. Do ponto de vista sociológico dos estudos sobre o suicídio, por exemplo, no final do século XIX e até meados do XX, predominam as análises que tomam os indivíduos suicidas como integrantes de algumas poucas categorias de análise. É clássico o estudo de Émile Durkheim sobre o suicídio. É certo que o seu papel de exame do suicídio tomando, especialmente, a dimensão social como instrumento de reflexão do ato individual, tem um significado importante para sua época e para hoje, sobretudo do ponto de vista de uma dada ruptura epistemológica, que deixa de ver o suicídio como ato necessariamente patológico. Entretanto, ao categorizar o suicídio em três ou quatro grupos, encaixando sobre uma mesma identidade todos os suicidas, Durkheim nega a inventividade e criatividade dos indivíduos para pensarem a sua própria morte. Os suicidas, vistos ao modo de Durkheim, carregam o rótulo de altruístas, egoístas e anômicos.³² Ora, as mudanças paradigmáticas que as ciências humanas e sociais viveram dos anos 1960 para cá e a própria emergência da chamada pós-modernidade, ligada às novas formas de se conceber as relações humanas, inviabilizam a agremiação de todos os suicidas em tão poucas categorias. Por isso, ao problematizar o suicídio a partir da nossa condição histórica, e partindo especialmente das cartas deixadas por eles, o que se deseja é dizer, também, que há a necessidade de pluralizar as leituras sobre o ato suicida. Ao esticar o domínio de percepção sobre as necessidades humanas; ao tornar infinitas as possibilidades de consumo do corpo, de mercadorias e subjetividades; ao colocar em evidência o desejo como pulsão de vida; ao individualizar a experiência humana, o que nossa época pode ter feito ao indivíduo que se suicida, foi conceder-lhe, aberta e contraditoriamente, o direito de escolha sobre sua vida e sua morte. Uma escolha que é, necessariamente, individual, embora quem cometa o suicídio esteja conectado ao mundo que se vive. No que as mensagens de adeus se encontram – como signos de uma morte voluntária – elas também se distanciam, pois, são, mesmo parecidas, fruto de inquietações muito particulares.

³² DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Além disso, outro fator que merece destaque como contraponto, do século XIX até meados do XX, é a imagem do suicida colada à do doente mental. Hoje, embora, como foi destacado no início do texto, hajam muitos estudos ligados aos distúrbios mentais ou transtornos bipolares como fatores de risco para o suicídio, vem crescendo o número de trabalhos de complexificam o ato suicida e deixam de associar o seu gesto a um dado desequilíbrio psicológico. Como exemplo é possível citar os trabalhos de Roosevelt Cassorla³³ e do próprio Fábio Henrique já trabalhado ao longo deste texto. Fábio, por sinal, chama atenção para a necessidade de

ao sermos confrontados à multiplicidade oferecida pela alteridade, rompemos com a abordagem que propõe a naturalização do social e criamos formas de pensar que não negam a *criatividade*, a *variabilidade* e a *imprevisibilidade da vida*, inclusive no que diz respeito ao suicídio. Assim, no lugar de reunir identidades, encaixando todos os indivíduos que se suicidam num mesmo rótulo – o de doente mental ou desequilibrado, por exemplo –, devemos nos aplicar mais à alteridade³⁴.

Portanto, o próprio discurso médico que construiu, a partir do século XIX, a imagem do ato suicida como articulado ao sujeito desequilibrado, irracional, ajudou a configurar o próprio sentido construído pelo suicida para seu ato. “Sofre de doenças mentais”, “ato de loucura” e “ato de desespero”, são expressões comuns nos jornais do século XIX que, sustentados no discurso médico da época, garantia as razões que levavam as pessoas ao suicídio. É bem provável, portanto, e a literatura brasileira carece de uma obra que trate da fala dos suicidas no século XIX, que parte dos que cometiam o ato se julgassem doentes, loucos ou desesperados.

Por fim, é necessário dizer que muitas das colocações feitas aqui, foram feitas como resultado parcial de pesquisas recentes e foram colocadas como provocações. Encerro, com isso, acreditando que evidenciar a produção de cartas pelos suicidas, além de problematizar a morte e “historicizá-la é escrever sobre um objeto ao qual evitamos e sobre o qual nos negamos até mesmo a pensar. Isto porque escrever sobre a morte é tornar presente uma escritura que só tem sentido fora de si mesma, no lugar do outro, que a ressignifica de forma confortadora à sua própria realidade”.³⁵

³³ CASSORLA, Roosevelt M. S. **O que é suicídio?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

³⁴ LOPES, Fábio Henrique. **Suicídio e saber médico: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX.** Rio de Janeiro: Ateliê, 2007, p. 21.

³⁵ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Minha história começa na lua cheia e termina antes do fim: Cantos de morte nos escritos de Torquato Neto (1944-**

As reflexões levantadas aqui, portanto, procuram muito mais abrir novas possibilidades de *ler* o suicídio do que, propriamente, encontrar nos documentos utilizados respostas para o ato em si. Vale ressaltar que perguntas do tipo “por que alguém se suicidou?”, ou, “é possível encontrar as razões do suicídio nas cartas de adeus?”, não foram ventiladas em termos objetivos. Se ao longo do texto elas se insinuam, são como formas de individualizar o ato. Assim, as perguntas gravitam muito mais na óptica da produção de sentidos sobre o suicídio a partir do entendimento de que vivemos uma nova condição histórica e de como isso é subjetivado ou negado no documento produzido pelo suicida. O que há no texto, assim sendo, é, metaforicamente, a tentativa de entender como o tempo habita a prática escriturística do suicida. Isto por que as “coisas que entram na página são sinais de uma ‘passividade’ do sujeito em face da tradição”. Já aquelas que saem dela, no formato de uma carta, por exemplo, “são as marcar do seu poder de fabricar objetos”. É, antes de tudo, um ensaio de como o suicídio esta inscrito no corpo suicida e de como esse corpo se transforma numa missiva. Afinal de contas, como diz Certeau, na prática escriturística, o sujeito “transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe do seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior”.³⁶

RECEBIDO EM: 09/03/2015

PARECER DADO EM: 15/06/2015

1972). In: **XXVII Simpósio Nacional de História**, 2013, Natal. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013, p. 3-4.

³⁶ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 226.